

Pensamento descolonial: uma resignificação da teoria crítica desde nossa América

Decolonial thinking: A reinterpretation of critical theory from our America

Telmo Adams¹
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
adams.telmo@gmail.com

ZIBECHI, R. 2015. *Descolonizar el pensamiento crítico y las prácticas emancipatórias*. Bogotá, Ediciones desde abajo, 351 p.

O livro de Raúl Zibechi *Descolonizar el pensamiento crítico y las prácticas emancipatórias*² reúne um conjunto de textos que se complementam em uma análise histórica latino-americana, tendo como ponto de partida o abismo, já apontado por Frantz Fanon (1973), entre as pessoas que são reconhecidas como seres humanos e aquelas às quais se nega esse reconhecimento. Esse foi o núcleo do colonialismo e é, também, o gene do capitalismo – de certo modo, uma ordem colonial atualizada. O autor propõe-se a uma resignificação do pensamento crítico desde a ótica da (des)colonialidade. Quais as implicações para uma educação emancipadora na América Latina?

Após um texto introdutório central na obra, seguem quatro seções focando os movimentos da sociedade em movimento com um olhar crítico em relação às teorias hegemônicas sobre o tema e as reflexões sobre experiências vivenciadas na América Latina no período. Na terceira parte, o autor propõe-se a identificar novos modos de dominação ocorrida em nosso continente nos últimos anos. E, por fim, descreve e analisa experiên-

cias na perspectiva de buscar inspirações para novas possibilidades emancipatórias, tendo por base a defesa da necessidade de descolonizar o pensamento crítico. A reflexão crítica sobre práticas emancipatórias de diversos países revela a presença de elementos de vivências educativas libertadoras.

O autor apresenta, na introdução, o chocante fato histórico – como em geral tem ocorrido em todas as colonizações –, da cruel dominação francesa do povo argelino. “Los ochos años que duró el conflicto, hasta la independencia en 1962, fueron una guerra colonial del ocupante contra todo el Pueblo argelino que apoyó masivamente al Frente de Libertación Nacional (FLN)” (Zibechi, 2015, p. 13). Registraram-se atrocidades contra mulheres, crianças, surgindo desse ambiente de luta pela libertação da Argélia, Frantz Fanon como exemplo de compromisso militante e de pensamento anticolonial.

Zibechi (2015) destaca aspectos centrais do pensamento de Fanon em relação à teoria crítica nortecêntrica hegemônica: “Nunca se sujetó a las categorías heredadas y fue capaz de ir más allá, cuestionando la teoría crítica

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Av. Unisinos, 950, Cristo Rei, 93022-750, São Leopoldo, RS, Brasil.

² O autor indica que a temática ensejaria o título “Descolonizar y despatriarcalizar el pensamiento crítico y las prácticas emancipatórias” em função de sua afinidade com o pensamento feminista radical. Ele justifica que não o adotou por entender que são as feministas que devem protagonizar esse caminho (Zibechi, 2015, p. 39).

hegemónica, o sea el marxismo soviético en las décadas de 1950 y 1960. Por eso advirtió que no debemos imitar a Europa” (Zibechi, 2015, p. 19). Nesse sentido, o autor considera que as ideias de Fanon contribuem para compreender que a teoria crítica foi elaborada na “zona do ser” e que não se pode transplantá-la mecanicamente à “zona do não ser”, onde estão, por exemplo, milhões de latino-americanos. Tendo estudado profundamente o “complexo de inferioridade” do colonizado, sua desumanização resulta da violência do opressor que interioriza, isto é, “epidermiza” a inferioridade (Fanon, 1973). Seguindo essa compreensão, Zibechi deixa claro que a libertação não significa somente a expropriação dos expropriadores. A libertação somente se efetiva por meio da superação do complexo de inferioridade que sofre o colonizado. “De qué sirve la revolución si el Pueblo triunfante se limita a reproducir el orden colonial, una sociedad de dominantes y dominados?” (Zibechi, 2015, p. 20).

O autor inspira-se na experiência zapatista para introduzir a temática da descolonização do pensamento crítico, destacando, inicialmente, sete aspectos centrais: “[...] autonomia e dignidade, poder, reprodução e família, comunidade ou vanguarda, identidade, produção coletiva de conhecimentos e criação de um mundo novo” (Zibechi, 2015, p. 21, tradução nossa). No aspecto da autonomia, ele reflete que os que vivem na “zona do não ser” não podem ser autônomos em uma sociedade opressora, porque, nela, estes não são reconhecidos como seres humanos.

Na questão do poder, desde a experiência zapatista e apoiando-se em Aníbal Quijano (2005)³, o autor entende que os dominados necessitam criar suas próprias instituições, diferentemente da lógica do atual estado herdeiro do colonialismo, aparato reprodutor da colonialidade do poder que exclui as pessoas empobrecidas, sobretudo as maiorias indígenas, negras e mestiças. Conforme Quijano (2005), na América Latina, foi adotada a perspectiva eurocêntrica pelos grupos dominantes como sendo própria, e os levou a impor o modelo europeu de estado-nação, com estruturas de poder que funcionam por meio de relações coloniais.

O tema família e reprodução tende a ser visto pela “cultura do Norte” como um resquício rural, um símbolo negativo e de atraso. No entanto, ao mesmo tempo, essa cultura nortecêntrica ainda traz o resquício da figura central do operário, em uma cultura política focalizada no lugar de “trabalho-produção, no indivíduo como trabalhador-produtor” (Zibechi, 2015, p. 27), ancorada

em organizações profundamente patriarcais, estruturadas de modo hierárquico e estadocêntrico.

O quarto tema abordado na introdução tem a ver com o protagonismo do processo de organização e de direção do movimento de transformação social. A tradição revolucionária nascida na Europa necessita ser ressignificada na continuidade do que já fizeram Mariátegui e Fanon. Significa rejeitar o entendimento de que a organização deva ser centrada nas elites mais conscientes, os setores mais avançados do proletariado. “O zapatismo está mostrando que existem outras tradições revolucionárias diferentes das europeias” (Zibechi, 2015, p. 32). Nesse sentido, o autor conclui que, revitalizando tradições de caráter comunitário, é possível transitar pelo caminho da descolonização do pensamento crítico.

Quanto à identidade, Zibechi argumenta que a centralidade na relação trabalho-capital foi visibilizada em detrimento à invisibilização de mulheres, de jovens, de trabalhadores informais e de imigrantes. O pesquisador considera a forma capitalista de trabalho para produzir valores de troca como sendo uma das muitas formas de trabalho e um dos muitos modos de produzir a vida, mas não o único.

Produzir conhecimentos em comunidade é outra das seis temáticas destacadas para descolonizar o pensamento crítico, em que se busca valorizar as formas tradicionais de compartilhar saberes. Nesse processo, a educação popular tem contribuído historicamente e terá, seguramente, muito a contribuir, desde que também se realize uma ressignificação desde a ótica da (des)colonialidade.

Finalmente, transformar o mundo e criar outro novo significa enfrentar a lógica de convivência dos estados modernos com o capitalismo excludente, não permitindo que siga a ordem de “[...] eliminar a quem o sistema considera como população sobrando ou descartável” (Zibechi, 2015, p. 37). Na visão zapatista, não há o que reformar, mas é preciso criar. A democracia eleitoral é considerada uma falácia. “La idea de cambiar el mundo como una totalidad, capitalista, para dar lugar a otra totalidad, socialista, sólo puede entenderse desde una concepción...” (Zibechi, 2015, p. 38). Contudo, essa visão de que a sociedade é um campo de relações homogêneas e contínuas tende a levar a outros totalitarismos. E, nesse sentido, o autor compreende que mudar ou transformar significa criar algo diferente, com novos modos de fazer que não seja cópia da sociedade dominante, mas criação autêntica.

³ Zibechi utiliza a edição de 2000 do Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), p. 201-246, em espanhol.

Ao caracterizar o movimento pela sua capacidade de mobilizar, sua estrutura flexível, horizontal, aberta, o autor mostra a contradição em relação às burocracias estatais, que não conseguem mais incluir na cotidianidade a maior parte da população pobre da América Latina. A base desse modelo extrativista está na cultura hegemônica de índole patriarcal, que “[...] implica uma maneira de travar e impedir a circulação da energia social” (Zibechi, p. 49-50). O modelo extrativista leva o Estado a usar a estratégia de mitigar a pobreza, que, em consequência, fragiliza os movimentos de protesto ou reivindicação ao estado. Zibechi cita exemplos do Brasil, Argentina e Peru, países estes que realizaram algumas políticas progressistas, destacando a análise crítica de alguns resultados.

Entre reconhecidos modos de compreender a relação sociedade/movimento e Estado, uma primeira visão concentra a força política no governo, sendo os movimentos algo secundário. Um segundo modo entende a necessidade de colaboração entre estado e movimentos e, outro defende uma autonomia em relação à direção e aos projetos do estado. Mesmo em governos considerados progressistas – o autor refere-se a países como a Bolívia, Brasil, Equador –, a partir da primeira década deste milênio, “[...] los cambios sociales y las políticas alternativas no pueden surgir de los gobiernos sino de los diversos abajos” (Zibechi, p. 63). Se, historicamente, o conflito tem dado forma e vida aos movimentos sociais, verifica-se um processo extremamente contraditório na relação de parceria entre movimentos/organizações populares e governos, visto que esses últimos não conseguem desvencilhar-se das estruturas condicionantes do estado colonial e da velha política.

Após a análise crítica, Zibechi trilha por caminhos de possibilidades para a existência de modos de produzir e de viver diferentes do capitalismo. Seria o “Sumak Kawsay” – Buen Vivir, uma ruptura radical com os modelos eurocêntricos? Segundo análises, até o momento, tal proposta não passou de um conjunto de declarações ainda não realizadas. Mesmo assim, seria possível valorizar essa perspectiva em um caminho de descolonialidade, incorporando valores e práticas de povos originários? Zibechi (2015) lembra que o contrário tem se verificado, citando o exemplo zapatista, cuja organização incorporou o feminismo, a teoria crítica, as ideias da autonomia e da emancipação, entre outras. Entretanto, por que se resiste a incorporar a cosmovisão índia nos projetos de nossas sociedades latino-americanas?

O autor termina essa parte destacando os sete princípios: “[...] del mandar obedeciendo, servir y no servirse; representar y no suplantar; construir y no destruir; obedecer y no mandar; proponer y no imponer;

convencer y no vencer; bajar y no subir” (EZLN *in* Zibechi, 2015, p. 81).

A segunda e a terceira partes do livro apresentam movimentos ditos da “era progressista” de diversos países latino-americanos, como Argentina (movimentos de periferias urbanas), Brasil (destaque às mobilizações de junho de 2013), Bolívia (resistência e construção de alternativas políticas desde “abajo”), Chile (movimento estudantil por uma outra educação), México (experiências de nova cultura política comunitária), Paraguai (resistência das mulheres contra a especulação imobiliária), Peru (contra o colonialismo da exploração de minérios) e Venezuela (movimento rede de comunidades).

Ao final do livro, Zibechi apresenta um exame detalhado sobre experiências de descolonização do pensamento crítico com um balanço das práticas emancipatórias em processo de consolidação. “Como cambiar el mundo desde la ‘zona del no-ser’?” (Zibechi, 2015, p. 291). Ele pressupõe que o pensamento crítico e emancipatório nascido e desenvolvido nos países do Norte – zona do ser – tem seus limites para dar conta e inspirar as resistências dos povos do sul. Nesse sentido, o autor defende a autonomia como “[...] um projeto irrenunciável porque se esta se debilita, a população toda estará em problemas” (Zibechi, 2015, p. 316). Assim, ele enfatiza a orientação de Fanon: “Lo único que nos disse es que no debemos imitar a Europa, al Norte, al mundo colonial” (Zibechi, 2015, p. 328). O autor reafirma que, para essa construção, os trabalhos coletivos da comunidade são o motor da autonomia, visto que estes sempre têm duas dimensões: a material e a subjetiva. Ele enfatiza a centralidade da comunidade com o sentido de “[...] prácticas, modos de hacer, de vivir, de producir y reproducir la vida, que transcurren en espacios, con modos y tempos para la toma de decisiones y mecanismos para hacerlas representar” (Zibechi, 2015, p. 189). Nessa visão, a comunidade é uma forma de poder não estatal, não hierárquico.

O livro da coleção “pensadores latino-americanos” não apresenta conclusões fechadas. Mesmo que a publicação inclua alguns temas ampliados já publicados pelo autor em anos anteriores, trata-se de uma obra atualíssima e oportuna para uma reflexão amadurecida desde as práticas emancipatórias considerando os movimentos de descolonização do pensamento crítico em nossa América. A obra não nega a perspectiva crítica, mas aponta suas insuficiências e a ressignifica desde outro ponto de partida, que não o eurocêntrico. Desse modo, Zibechi contribui decisivamente com o esforço de consolidar um pensamento crítico descolonial capaz de um diálogo intercultural mantendo a esperança de

que, em nossa América, a utopia de transformação social continua tendo sentido; construída, porém, passo a passo com outra cosmovisão, diferente do modelo extrativista, do progresso ilimitado, da ampliação da desigualdade social e do jogo da dependência do capital financeiro. As decorrências para a educação, desde a ótica descolonial proposta, estimula a valorização e a (re)construção de novas teorias e metodologias educativas para todos os ambientes das sociedades latino-americanas.

Referências

- FANON, F. 1973. *Piel negra, máscaras blancas*. Buenos Aires, Editorial Abraxas, 192 p.
- QUIJANO, A. 2005. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: E. LANDER (org.), *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLACSO, p. 227-278.

Submetido: 09/10/2015

Aceito: 04/12/2015